

## “UM RONALDO MAIS RONALDO” – UMA DISCUSSÃO SOBRE OCORRÊNCIAS DE EXPRESSÕES NOMINAIS INDEFINIDAS COM NOME PRÓPRIO

Leila Rachel Barbosa ALEXANDRE<sup>1</sup> (Universidade Federal do Piauí)

**RESUMO:** Pretendemos, com este trabalho, descrever as formas de ocorrência das descrições nominais indefinidas com núcleo nome próprio e observar suas possíveis contribuições para a progressão referencial, a partir das diversas combinações de elementos possíveis de ocorrer nesse tipo de descrição e as funções desempenhadas por elas na cadeia referencial. Este trabalho constitui a parte inicial de uma pesquisa maior sobre as descrições nominais indefinidas cujo núcleo é um nome próprio e, por isso, temos como proposta inicial apresentar as ocorrências dessas descrições sem oferecer explicações prontas e definitivas, mas discutindo os dados à luz do que já se falou sobre esse assunto ou sobre assuntos relacionados (como os indefinidos anafóricos), no âmbito da Linguística Textual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Progressão referencial. Descrições indefinidas. Nome próprio.

### 1 Introdução

No âmbito das descrições nominais indefinidas, um tipo de ocorrência particularmente nos chama atenção: as descrições nominais indefinidas cujo núcleo é um nome próprio. Esse tipo de descrição será objeto de estudo da nossa dissertação e, por isso, pretendemos, com o presente artigo, apresentar o início do aprofundamento da pesquisa, que foi apresentada de forma mais geral em Alexandre (2008). Aqui serão descritas as expressões nominais indefinidas com núcleo nome próprio, de forma a evidenciar sua composição e funções, discutidas à luz das teorias relacionadas ao assunto. Para tal propósito, partimos dos pressupostos teóricos de Koch (2004), Cunha Lima (2004) e Cavalcante (2004), as quais abordam a questão dos indefinidos anafóricos.

O *corpus* constituído para este trabalho é formado por textos que contêm descrições indefinidas com os seguintes nomes próprios, escolhidos em função de sua popularidade: “Ronaldo”, em referência ao jogador de futebol brasileiro que também é conhecido como “Fenômeno”; “Lula”, presidente do Brasil; e “Chico Buarque”, artista brasileiro. Não escolhemos um gênero específico para o estudo. No entanto, as expressões serão descritas também em função do gênero, já que esse é um critério bastante revelador das funções que essas expressões referenciais podem assumir no texto.

Nas ocorrências das descrições que nos interessam, observamos, principalmente, a presença/ausência de adjetivos ou outros modificadores na expressão referencial, que poderiam interferir no processo de referenciação. Deixamos claro que, na escolha do *corpus*, não optamos por escolher entre ocorrências anafóricas ou introdutoras de novos referentes. Preferimos compor o *corpus* com expressões referenciais dos dois tipos, já que nossos dados, especificamente, nos mostram que é muito fluida a separação entre expressões introdutoras de referentes e expressões anafóricas.

---

<sup>1</sup> Aluna do Mestrado em Letras da UFPI. Bolsista Capes. Integrante do Grupo de Pesquisa em Texto, Gênero e Discurso Cataphora.

## 2 Considerações teóricas

Nos estudos de Referenciação, trabalhos como os de Schwarz (2000), Koch (2004), Cavalcante (2004) e Cunha Lima (2004) apresentaram as possibilidades anafóricas das descrições indefinidas. Cunha Lima provou, inclusive, que os indefinidos podem aparecer em todas as funções anafóricas conhecidas para as descrições definidas, obedecendo a dois critérios: não haver verbo finito expressando evento novo na oração em que aparece o indefinido e a descrição indefinida funcionar como identificadora de membro de uma classe (conjunto). Esse último critério nos interessa particularmente no estudo das descrições indefinidas com núcleo nome próprio, visto que as ocorrências do *corpus* constituído para este estudo parecem apresentar diferenças nesse quesito.

Um dos casos de indefinido anafórico citados por Koch (2004), de acordo com a classificação de Schwarz (2000), é aquele em que é selecionado um referente dentro de um conjunto já mencionado ou quando a expressão indefinida tem um valor partitivo. Cavalcante (2004) diz que esse é um caso de anáfora parcial, em que o referente só é recuperado em parte pela expressão anafórica, não havendo correferencialidade. Esse seria o caso da expressão sublinhada no seguinte exemplo, presente em Koch (2004):

(1) Leonardo da Vinci teve filho ilegítimo. Roma – Leonardo da Vinci, o gênio renascentista que pintou a famosa Mona Lisa, teve um filho ilegítimo aos 17 anos, segundo a investigação do estudioso italiano Alessandro Vezzosi, diretor do museu dedicado ao artista. Uma das hipóteses apontadas por Vezzosi é que o filho de Leonardo se chamava Paolo e foi levado de Florença à Bolônia (sic) para que não viesse a se envolver com “más companhias”, de acordo com vários documentos encontrados pelo pesquisador. Um deles é uma carta, publicada por Carlo Pedretti conservada pelo Arquivo do Estado de Florença, que faz referência a **um misterioso Paulo de Leonardo da Vinci de Florença**.

A expressão “um deles” retoma apenas em parte o referente “vários documentos”, já que é apenas um membro do conjunto de documentos já mencionado. Ainda, nesse mesmo exemplo, temos um caso de descrição indefinida com nome próprio, que nos permite entrar de fato no objeto de nossa pesquisa: “um misterioso Paulo de Leonardo da Vinci de Florença”, que é considerada anafórica por Koch (2004) porque no texto já havia sido mencionada a hipótese de o filho de Leonardo da Vinci se chamava Paolo, no entanto ela não dá maiores explicações acerca dos motivos específicos de o indefinido estar sendo usado.

Esse mesmo exemplo também é tomado por Cunha Lima (2004, p. 181), que diz que, nesse caso, “elementos obviamente relacionados são apresentados como não relacionados por meio de uma expressão nominal indefinida”. De fato, no exemplo, a existência do filho de Leonardo da Vinci é investigada e há a hipótese de que esse filho se chamava Paolo, em virtude de documentos que faziam referência a alguém chamado Paulo de Leonardo da Vinci de Florença, que possui parte do nome igual ao do suposto pai. Entendemos que essas informações são dadas como não relacionadas através do indefinido, porque a questão da paternidade de da Vinci se encontra no terreno das hipóteses, das investigações e a existência de uma pessoa com o nome parecido ao de Leonardo da Vinci é um grande indício de paternidade, mas não uma certeza.

Cunha Lima (2004, 181) diz ainda que, nesse exemplo, “a ideia de que o indefinido faz, basicamente, a operação de identificação de tipo ou extração de um membro num conjunto fica bastante fortalecida”. Cremos que isso acontece porque, ao se usar o indefinido junto com o nome próprio, Paulo de Leonardo da Vinci de Florença é identificado como uma pessoa que possui esse nome dentre outras que também podem possuir esse nome, sem que isso signifique, necessariamente, ser filho de Leonardo da Vinci. É como se disséssemos “Ana

namora um tal de Paulo”, que significa que Ana namora um dos membros do conjunto de Paulos (de pessoas chamadas Paulo), do qual só se sabe o nome.

Segundo Cunha Lima (2004, p. 150), o indefinido instrui o locutor a ver o referente como membro de um conjunto, podendo até mesmo criar um conjunto a partir de referentes que seriam únicos, como o nome próprio. Ela postula que “a determinação (indefinida) não é apenas um tipo de extração de referentes de um conjunto previamente existente, mas uma forma de apresentação ou construção (local, no curso da interação) deste conjunto.” (p. 152). Vejamos um exemplo que esclarece um pouco mais essa noção:

(2) Grandes Lulas da Humanidade

**Um Lula que poucos conheceram** foi Judas Inácio Lulares da Silva, ele se infiltrou em meio ao partido de Jesus Cristo, para espionar suas ideias e acabou traindo seu companheiro. Jesus Cristo era uma pessoa de ideias inovadoras ele acreditava que todos eram iguais e que a justiça era absoluta e deveria ser aplicado a todos sem exceções. Incluindo Políticos, Padres e vendedores de revista pornô. (Disponível em: [http://desciclopedia.org/wiki/Luiz\\_In%C3%A1cio\\_Lula\\_da\\_Silva](http://desciclopedia.org/wiki/Luiz_In%C3%A1cio_Lula_da_Silva))

Esse exemplo é um trecho de um texto de humor, presente em um site chamado Desciclopédia, uma espécie de enciclopédia que satiriza a conhecida Wikipédia. O título *Grandes Lulas da humanidade* já revela a existência de um conjunto, criado para esse texto de humor, em que estariam contidos diversos Lulas. No início do texto é então apresentado, com indefinido, um membro desse conjunto de Lulas, que é “um Lula que poucos conheceram”, o Judas Inácio Lulares da Silva. Esse “Lula que poucos conheceram” retoma apenas parcialmente o conjunto dos Grandes Lulas da Humanidade, já que é apenas um membro desse conjunto, que é mencionado antes da descrição indefinida, mas não é preexistente a esse texto.

A noção de anáfora parcial postulada por Cavalcante (2004) trata da relação entre a anáfora com indefinido e seu antecedente, no entanto, no caso dos nomes próprios, na maioria das vezes o conjunto é criado no momento em que é usado o indefinido com nome próprio, não havendo um conjunto explicitamente mencionado anteriormente com o qual se relacione. Em virtude desse detalhe, preferimos falar não da relação entre anafórico e antecedente, mas da relação entre o conjunto criado pelo indefinido e o referente do mundo em que se ancora, possuidor do nome próprio.

Para dar continuidade ao nosso trabalho tomamos a noção de Cunha Lima (2004) sobre os nomes próprios que considera que mesmo elementos geralmente tomados como designadores rígidos, como os nomes próprios, passam a constituir uma classe quando usados com indefinido. No entanto, mesmo considerando essa afirmação de Cunha Lima como válida, observamos que há diferentes “tipos” de conjunto criados pelo indefinido. No *corpus* analisado na sequência, observamos que essa diferença é definida pela relação entre a descrição nominal e o referente acessado, conforme verificaremos a seguir.

### 3 Conjunto de facetas de um referente

Vejamos o seguinte exemplo do nosso *corpus*:

(3) O tempo é senhor da razão. A história registrará **um Lula populista**, competente na sua arte de iludir, e com um único acerto programático: a continuidade da política econômica de FHC/Malan, efetiva plataforma do crescimento econômico e desenvolvimento social brasileiro neste governo demagógico. De resto, vamos rezar, pois tem muita gente falando em Deus olhando no prompter. (Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/lula-e-os-bispos/>)

Esse é um comentário de internauta em resposta a uma postagem no blog de um colunista da Veja. O que se pode perceber é que um “Lula populista” se refere ao Lula do mundo empírico, o mesmo que já havia sido mencionado na postagem do blog. O que estaria sendo evidenciado é uma das facetas (sociais) desse referente, a de populista. Assim sendo, estaríamos diante de uma faceta pertencente ao conjunto de facetas do referente em questão.

Esse tipo de conjunto marcado pelo indefinido tem algumas características que, na maioria dos casos, o identificam. A principal delas é a presença de uma expressão adjetiva marcando a faceta do referente, como podemos ver nos exemplos a seguir, em que o primeiro exemplo (4) é uma postagem de blog, o segundo (5) é um comentário de leitor e o terceiro (6) é uma coluna cultural. Em todos os exemplos, as descrições nominais indefinidas além de possuírem nome próprio ainda possuem expressão adjetiva.

(4) Logo que Ronaldo sentou no sofá, já era evidente: seria tietismo total. A chapa-branca comeria solta em dois blocos exclusivos com direito a exibição exaustiva de todos os gols do Fênomeno na temporada corinthiana + alguns lances de Copas passadas.

Um chupa-saquisismo colossal, que só se amenizou quando Jô comentou o penteado vaginal de 2002. Aliás só ele, e pelos motivos óbvios, conseguiu enxergar **um Ronaldo mais magro**. (<http://bombril.interbarney.com/geral/jo-ronaldo-apagao-e-192-nessa-ordem/>)

(5) A perplexidade de Gaspari e o temor que vi não apenas em seu comentário mas até em uma capa de Veja com uma grotesca representação caricata de **um Lula envelhecido**, ambos denotam a mesma incompreensão com o país, e uma desconfiança da democracia digna da República de bananas que vinha sendo o Brasil antes de Lula. <http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/2010/05/02/lula-na-cupula-do-caribe-perplexidade-ou-aplausos/>

(6) Assim como no livro, é possível descobrir por meio dos relatos de Cachorrão **um Chico Buarque distante da imagem tímida que a opinião pública se acostumou a repetir**. O compositor tem muitos momentos debochados. Os bastidores das parcerias com Tom Jobim e Vinicius de Moraes rendem histórias engraçadíssimas, mesmo quando o cenário era o regime militar. (<http://www.dgabc.com.br/News/5796281/papos-e-sons-de-chico.aspx>)

Em todos os exemplos, as descrições nominais indefinidas além de possuírem nome próprio ainda possuem expressão adjetiva. Em (4) é dito que somente Jô Soares conseguiu enxergar Ronaldo como estando mais magro, o que permite inferir que há outras formas de enxergar o mesmo referente Ronaldo que não seja a de Jô. Já em (5), “um Lula envelhecido”, é usado para designar uma imagem de Lula apresentada em uma capa da revista Veja, da mesma forma que em (6) a descrição indefinida designa uma imagem de Chico Buarque, apresentada pelos relatos do escritor Cachorrão, chegando a dizer que essa imagem é diferente da “imagem tímida que a opinião pública se acostumou a repetir”.

Normalmente quando se repete apenas o nome próprio para retomar o referente não é acrescentada nenhuma característica que o marque de forma mais exata. No entanto, ao que parece, o que se pretende com esse tipo de descrição indefinida é retomar o referente usando seu nome próprio, mas de forma que ele seja caracterizado, portanto, “para suprir a ausência de descrições do nome próprio, é usada uma oração adjetiva [ou adjetivo] para identificar que aspecto do ser designado se está querendo transparecer” (ALEXANDRE, 2009, p. 2264). Há, portanto, uma imagem, uma faceta do referente ressaltada dentre outras através de uma expressão adjetiva que salienta essa faceta. É como se o próprio referente fosse discretizado, segmentado em facetas, imagens ou papéis, de modo a focar uma característica dentre um conjunto de outras disponíveis. Isso permite casos interessantes como o seguinte:

(7) Mano Menezes torce por **um Ronaldo mais Ronaldo** na Libertadores. (Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM1254264-7824-MANO+MENEZES+TORCE+POR+UM+RONALDO+MAIS+RONALDO+NA+LIBERTADORES,00.html>)

Esse exemplo é o título de uma notícia esportiva, em que o referente discretizado em facetas é o jogador Ronaldo. O que chama atenção é que a expressão adjetiva que salienta uma faceta dentre as outras disponíveis é formada também pelo nome próprio Ronaldo. No caso, essa construção revela um contraste entre o Ronaldo do mundo empírico, na fase atual, e a imagem do Ronaldo como bom jogador que se construiu durante sua carreira (“mais Ronaldo”).

Em vez de usar uma expressão adjetiva comum para evidenciar a imagem que ele queria focar do referente, ele cria um adjetivo com o nome próprio junto a um advérbio de intensidade, aproveitando-se das características que o nome próprio Ronaldo já traz arraigadas, advindas do referente originário. Dessa forma, esse adjetivo criado poderia até mesmo ser aplicado a outros referentes, assim como qualquer outro adjetivo. Esse fato se relaciona ao que veremos na próxima seção, na qual constatamos que indefinidos com nome próprio criam conjuntos a partir de características trazidas do nome próprio e que são aplicáveis a outros membros do conjunto.

#### 4 Referência parcial do nome próprio

Começemos pelo seguinte exemplo:

(8) E o preço da fama. O homem é conhecido nos 4 cantos da Terra. Esse imitador deve ter vontade de ser **um Lula** um dia. (Disponível em: <http://borgesluciano.blog.terra.com.br/2009/11/06/falso-lula-da-entrevistas-as-radios-do-exterior-garante-seguranca-no-rio-2016-e-chama-obama-de-meu-amigo-escurinho/>)

Temos, em (8), um comentário de internauta a uma postagem de blog que falava de um falso Lula que deu entrevistas a rádios do exterior. Ao usar a expressão “um Lula” é apresentado um conjunto Lula, que englobaria pessoas que possuem determinadas características consideradas aceitas para fazer parte desse conjunto, segundo a visão do comentarista. Ao dizer que o imitador deve ter vontade de ser um Lula, o comentarista afirma que o imitador não é apto para fazer parte do conjunto de pessoas que se assemelham a Lula.

As características desse conjunto advêm do referente do mundo empírico Lula, observadas segundo o produtor do texto. No entanto, a descrição indefinida “Um Lula” não se refere ao Lula empírico, mas a um possível membro do conjunto Lula. A referência, portanto, é parcial, já que o nome próprio Lula, dentro da descrição indefinida, não faz referência ao Lula em particular, mas ao conjunto Lula formado com base em suas características.

Observemos outro exemplo:

(9) Se fazem isso com um cidadão comum, anônimo, e não **um Ronaldo Nazário da vida**, nunca vem a público pela irrelevância do assunto, q no final das contas é o mesmo fato! (Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2008/04/418386.shtml>)

Em (9), temos também um comentário, desta vez em resposta a uma notícia sobre o envolvimento de Ronaldo com travestis e a afirmação do delegado responsável pelo caso de que a versão de Ronaldo seria mais confiável que a dos travestis. No comentário, há uma



oposição entre dois conjuntos: o dos cidadãos comuns e o dos Ronaldos Nazários da vida, ou seja, uma oposição entre cidadãos comuns e cidadãos famosos. Nesse caso, a descrição indefinida “um Ronaldo Nazário da vida” não se refere ao próprio jogador Ronaldo, mas às pessoas que possuem fama e riqueza, assim como o jogador. Inclusive, a expressão “da vida” é muito comum nesse tipo de descrição, que, acreditamos, é usada para enfatizar que não se fala do jogador Ronaldo em particular, mas de qualquer pessoa que possa fazer parte de um conjunto de Ronaldo por causa de características delimitadas.

Um dado importante é que os conjuntos mudam de acordo com os propósitos comunicativos de cada texto. Assim, um conjunto de Ronaldos como o criado em (9), em que a característica fundamental em questão é a fama, pode ter outros fundamentos em outros textos, como no exemplo a seguir:

(10) Luxemburgo recua no pedido por **um "Ronaldo"**

A constatação de Wanderley Luxemburgo de que falta um "jogador decisivo como Ronaldo e Nilmar ao Palmeiras" gerou discordâncias no elenco e até no Corinthians. (Disponível em: <http://noticias.qprocura.com.br/am200906/3909/luxemburgo-recua-no-pedido-por-um-ronaldo.html>)

Em (10), temos um trecho de uma notícia esportiva, em que a descrição indefinida com nome próprio aparece no título. A descrição “Um ‘Ronaldo’” não está designando o jogador Ronaldo em si, mas um jogador que tenha uma característica de Ronaldo importante na visão de Luxemburgo e que é dita mais à frente: ser um jogador decisivo. Essa é a característica que rege a constituição desse conjunto hipotético de Ronaldos. Algo parecido acontece em (11):

(11) Eu acho que tinha dois pontos. Um terrível, que você não podia se reunir com os amigos para escutar **um Chico Buarque**, um Vinicius de Moraes que você poderia ser preso, desaparecer. Havia um medo real, concreto, muitos estudantes sumiram.

(Disponível em: [http://www.notisul.com.br/conteudo\\_imprimir.php?conteudo\\_cod=20471](http://www.notisul.com.br/conteudo_imprimir.php?conteudo_cod=20471))

Esse exemplo é um trecho de uma resposta sobre o movimento estudantil na ditadura brasileira, em uma entrevista, em que temos um caso de metonímia, sendo empregado o nome do autor (Chico Buarque) para designar sua obra (músicas) e a expressão “um Chico Buarque” designaria o conjunto das músicas de Chico Buarque. No entanto, essa descrição indefinida acessa não só as músicas de Chico Buarque, mas as músicas que tinham valor contestatório na época da ditadura brasileira, assim como as de Vinicius de Moraes, também mencionado no exemplo. O entrevistado fala da situação que os estudantes viviam na ditadura, principalmente em relação às músicas consideradas proibidas, usando as de Chico Buarque e Vinicius de Moraes como exemplo, o que não exclui outros compositores.

(12) Nos anos 60, Caetano e Gil assumiam que para a formatação conceitual da tropicália a algazarra dos programas de Chacrinha foi de grande utilidade. Nos anos 1970, ele trataria da mesma maneira **um Chico Buarque** e um Odair José.

(Disponível em:

<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2704662.xml&template=3898.dwt&edition=13442&section=999>)

Em (12), não há uma relação tão estreita entre a obra e seu autor, não há relação metonímica. O que acontece nesse trecho de um artigo de opinião é que a expressão “um Chico Buarque” parece designar não somente o cantor, mas os artistas que seguem a mesma linha de Chico Buarque. Dessa forma, Chico Buarque é tomado como membro mais representativo desse conjunto de artistas e por isso, o conjunto tem seu nome.

Essa representatividade é acentuada pela presença de outra descrição nominal, “um Odair José”, que parece servir como contraponto a “um Chico Buarque”, visto que Odair José é um cantor representativo do estilo romântico, considerado brega por alguns. Além disso, no texto é dito que Chacrinha tratava os dois igualmente, permitindo-nos inferir que, tanto o estilo de música que Chico Buarque representava ou o representado por Odair José tinham espaço em seu programa. É usado, portanto, na descrição nominal, o membro mais representativo do conjunto que reúne membros que atendem a determinadas características e esse mesmo membro é o que dá nome ao conjunto e poderia, até mesmo, designar qualquer um dos outros membros.

Vejamos agora o seguinte exemplo:

(13) Desde 1999, voto no PT com muito orgulho. Até os dias de hoje não tive motivo para me arrepender, nem quando o partido perdia. Mas não estou contente com a postura da atual candidata ("Lula chama Dilma para melhorar discurso na TV", 27/4). Dilma: seja **um Lula de saia** e tenha garra. (Disponível em: <http://www.destakjournal.com.br/readContent.aspx?id=18,56761>)

Nesse caso, além de ser criado um conjunto a partir do nome próprio Lula, ainda é criado um subconjunto, Lula de saia, restringindo os participantes do conjunto, que são, portanto, apenas mulheres. A referência se afasta mais ainda do Lula empírico, já que nem ele faria parte desse conjunto, embora empreste características a ele. Já Dilma é tomada como um possível Lula de saia, em uma expressão que pode ser considerada anafórica: um Lula de saia retomando Dilma, de forma que é nomeado, de forma mais precisa, um membro do conjunto.

Embora essa expressão indefinida possua um elemento modificador (de saia), a situação mais recorrente é o contrário: geralmente, expressões indefinidas com núcleo nome próprio que possuem referência parcial não possuem modificadores, já que

para que o interlocutor entenda qual característica é focada no grupo identificado pelo nome próprio é necessário que partilhe das mesmas vivências que o enunciador. Percebe-se então que esse tipo de construção envolve nomes de pessoas bastante conhecidas em determinada sociedade, que tenham feito algo ou possuam uma característica bem peculiar e individualizadora. Por esse motivo, esse tipo de construção não é acompanhado de adjetivo ou oração adjetiva, pois o nome próprio já traz em si o tipo de qualificação pretendida pelo enunciador. (ALEXANDRE, 2009, p. 2263)

Assim, esse tipo de descrição indefinida se vale da carga qualitativa que o nome próprio já possui, tributária de um conhecimento compartilhado, por estarmos tratando de referentes bastante conhecidos na sociedade. Essa carga é advinda em grande parte de seu referente originário, mas é moldada pelo ponto de vista do enunciador, por suas práticas sociais, de forma que se sobressaem características que não necessariamente são aceitas por todas as pessoas, mas são reconhecidas e incorporadas ao nome próprio, permitindo que o nome próprio de um dado referente torne-se aplicável a outros referentes, sob a forma de um conjunto que leve esse mesmo nome.

## 5 Algumas observações sobre gêneros

Verificamos durante a composição do *corpus* que, mesmo não escolhendo gêneros específicos para compô-lo, uma certa tendência era observada: as descrições nominais indefinidas com núcleo nome próprio apareciam mais em textos de teor opinativo-argumentativo. Parece-nos que quanto maior é esse teor, mais é possível encontrar esse tipo

de descrição. Assim, praticamente não encontramos essas descrições em notícias, mas a encontramos mais em comentários de leitores, gêneros que se apresentam nos extremos de carga avaliativa menos explícita para mais explícita. O único tipo de notícia em que encontramos essa descrição nominal indefinida foi na notícia esportiva, que parece ser mais subjetiva do que os outros tipos de notícia, oferecendo, muitas vezes, opiniões mais explícitas.

Essa relação entre os dados que analisamos e gêneros foi observada nesse *corpus*, mas ainda precisa de estudos mais profundos que expliquem o motivo de as descrições nominais indefinidas com núcleo nome próprio serem mais passíveis de ocorrer em textos de maior teor opinativo-argumentativo.

## 6 Considerações finais

Na análise procedida neste trabalho, observamos que as descrições indefinidas com núcleo nome próprio fazem operações de criação de conjunto, conforme postulado por Cunha Lima (2004). No entanto, com base nos dados do *corpus* analisado, encontramos dois tipos de operações de conjunto realizadas pelas descrições nominais, constituídas em função da maneira como se relacionam aos referentes. Uma produz um conjunto de facetas de um mesmo referente, em que a descrição nominal é modificada por expressão adjetiva. A outra usa o nome próprio para nomear um conjunto que pode incluir outros membros que não o portador original do nome próprio, não sendo, geralmente, modificada por expressões adjetivas. O referente originário do nome próprio é acessado, então, de forma parcial, já que características suas incrustadas no nome próprio são aplicadas a outros referentes.

Neste trabalho, portanto, analisamos um *corpus* constituído por ocorrências de indefinido com nome próprio, a partir do que já foi discutido sobre o tema na literatura da área. A análise do *corpus* também mostrou-nos que há relação entre essas descrições indefinidas e os gêneros em que ocorrem. No entanto, há uma necessidade de expansão das pesquisas nesse sentido para entender de forma mais precisa porque elas são mais recorrentes em textos de maior teor opinativo.

## Referências

- ALEXANDRE, L. R. B. A influência do gênero na referenciação: o caso da Carta ao Leitor. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6, João Pessoa, 2009. **Anais...** João Pessoa: Idéia, 2009. v. 1., p. 2261- 2270.
- CAVALCANTE, M. M. Entre o definido e o indefinido. In: Mônica Magalhães Cavalcante; Mariza Angélica Paiva Brito (Org.). **Gêneros textuais e referenciação**. 1.ed. Fortaleza: Prottexto, 2004, v. 1, p. 1-13.
- CUNHA LIMA, M. L. **Indefinido, Anáfora e Construção Textual da Referência**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004
- KOCH, I. G. V. As expressões nominais indefinidas e a progressão referencial. In: Mônica Magalhães Cavalcante; Mariza Angélica Paiva Brito (Org.). **Gêneros textuais e referenciação**. 1.ed. Fortaleza: Prottexto, 2004.